



v. 1, n. 1, jun. 2020

.....

**DEBATES CLÁSSICOS
E CONTEMPORÂNEOS**

Curso de Jornalismo
Centro Universitário da Região da Campanha



Centro Universitário da Região da Campanha
Curso de Jornalismo

Revista do CineClube

Desenvolvida por acadêmicos do oitavo semestre, como resultado do *Cineclube Urcamp Documenta - Projeto Urcamp Documenta no Festival Internacional de Cinema da Fronteira*, projeto de ensino com ações de extensão, no contexto da disciplina de Laboratório em Cinema, ministrada pelo Prof. Me. Glauber Pereira



Editora do Centro Universitário da Região da Campanha

Av. Tupy Silveira, 2099
CEP 96400-110 - Bagé - RS - Brasil
Telefone: (53) 3242-8244 – Ramal 231
E-mail: ediurcamp@urcamp.edu.br
Site: www.ediurcamp.urcamp.edu.br

FAT - Fundação Áttila Taborda**Presidente:**

Lia Maria Herzer

URCAMP - Centro Universitário da Região da Campanha**Reitora:**

Lia Maria Herzer Quintana

Vice-reitor:

Fabio Josende Paz

Pró-reitora de Ensino:

Virgínia Paiva Dreux

Gerente Financeiro:

Nélson Sonaglio

Editora chefe:

Ana Cláudia Kalil Huber

Editora Auxiliar:

Clarisse Ismério

Editor da revista:

Glauber Pereira

Assessora Técnica:

Bibl. Maria Bartira N. C. Taborda

Projeto gráfico:

Marcelo Rodríguez

Periodicidade: anual**Conselho Editorial:**

Ana Cláudia Kalil Huber	Dra. (Urcamp)
Clarisse Ismério	Dra. (Urcamp)
Elisabeth Cristina Drumm	Dra. (Urcamp)
Fábio Josende Paz	Me. (Urcamp)
Fernando Pereira de Menezes	Dr. (Urcamp)
Marilene Vaz Silveira	Me. (Urcamp)
Sandro Moreira Tuerlinckx	Dr. (Urcamp)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista do Cineclube [recurso eletrônico] / Curso de Jornalismo
Centro Universitário da Região da Campanha - Dados Eletrônicos.
jun.2020- . - Bagé: Ediurcamp, 2020.

Anual

ISSN:

1.Jornalismo - Periódicos. 2.Cinema – Periódicos. I.Curso de
Jornalismo do Centro Universitário da Região da Campanha.

CDD: 070

Catalogação elaborada pelo Sistema de Bibliotecas FAT / URCAMP

Sumário

Apresentação

7

Debate coletivo e construção de olhares críticos

por Glauber Pereira

8

1. Tropicália

por Augustho Soares e Murilo Alves

14

2. O Palhaço

por Cristiane Ramires, Jéssica Velleda e Victoria Ferreira

20

3. Barravento

por Gabriel de Bem, Larissa Macedo e Nadine Posqui

26

4. Hoje eu quero voltar sozinho

por Marcelo Rodríguez, Miquéli Romero e Gabriel Munhoz

32

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”*

(Paulo Freire, patrono da Educação)

Apresentação

A Revista do CineClube é uma publicação técnica, sem fins lucrativos, que representa a concretização de uma proposta de aula originada do componente curricular de Laboratório de Cinema do curso de Jornalismo da Urcamp. A publicação se propõe a reunir a produção textual de alunos, professores e colaboradores decorrentes do ambiente de exibição comentada de filmes nacionais, bem como, do exercício da produção de resenhas e crítica cultural ou cinematográfica. Também dispõe seu espaço para o resultado e descrição de projetos ligados ao Programa Urcamp Documenta e ao CineJornal do Festival Internacional de Cinema da Fronteira.

Para atender ao apelo institucional da Urcamp no sentido de que os cursos sempre valorizassem sua atuação e influência junto às comunidades em que estão inseridos, a atividade foi configurada como um projeto de ensino com ações de extensão. De ensino porque trata de temáticas e processos de ensino-aprendizagem voltadas às metodologias ativas, vinculadas aos conteúdos e exigências avaliativas de um componente curricular formal. E corresponde às ações de extensão na medida em que é desenvolvida com profunda inserção e participação da comunidade: para cada exibição comentada são convidados dois especialistas do tema com atuação regional; já as próprias exibições são feitas para público geral, no caso específico, de Bagé, convidados mediante campanhas de divulgação em rádio e redes sociais de internet.

Todas estas características têm como objetivo geral oportunizar um espaço dinâmico de diálogo e de aprendizado que contribua para um melhor entendimento das peças de audiovisual e maior capacidade de explorar os sentidos contidos nas obras cinematográficas. Com isso, supomos contribuir para a geração de um público de cinema e de audiovisual mais qualificado para entender as mensagens e mais crítico ao compará-las com a realidade cotidiana.

Glauber Pereira

Editor da revista e professor do componente de Laboratório de Cinema

Debate coletivo e construção de olhares críticos

Prof. Me. Glauber Pereira

Coordenador do curso de Jornalismo e do programa Urcamp Documenta
Centro Universitário da Região da Campanha - Urcamp



Das origens

Para entender a proposta do projeto CineClube Urcamp Documenta é preciso implicá-lo como uma das ações integrantes do Programa de ensino e com ações de extensão Urcamp Documenta, voltado à parceria do Festival Internacional de Cinema da Fronteira. O evento anual abre uma janela para os bageenses observarem e interagirem com realizadores de cinema e audiovisual de todo Brasil, Rio Grande do Sul e de países de origem hispânica e lusófona, características que, aliadas ao caráter independente, moldam o estilo de curadoria para os filmes exibidos na Rainha da Fron-

teira. O CineClube, então, vem dar consequência a um objetivo que é o de preparar um público novo para o cinema, capaz de, ao mesmo tempo, compreender a obra audiovisual e utilizá-la como discurso na consolidação de uma postura democrática, informada e cidadã.

Antes, é importante compreender que esse processo de qualificação de pontos de vista iniciou com a primeira ação do programa Urcamp Documenta: o Cinejornal. Desde 2014, o curso de Jornalismo da Urcamp desenvolve a parceria que visa promover a realização do festival de cinema na cidade. O maior projeto do curso neste contexto é a realização e exibição diárias dos Cinejornais Ur-

camp Documenta nos quais a cobertura noticiosa e o experimentalismo técnico e artístico são as oportunidades oferecidas aos acadêmicos para criar peças cinematográficas híbridas a partir das linguagens de cinema, audiovisual e telejornalismo. Os cinejornais abordam o cotidiano das mostras e eventos que integram diariamente o festival, vinculando a produção a disciplinas como Cinema, Laboratório de Cinema e, também, Telejornalismo. Os cinejornais associam uma dimensão importante à oferta de experiências práticas na formação do conhecimento do acadêmico do curso de Jornalismo; aproximam o acadêmico de questões reais a partir de um desafio verdadeiro; são produtos

finais que recebem importante apoio e reconhecimento da comunidade. Todas as sessões diárias do festival são abertas com o Cinejornal Urcamp Documenta e têm exibidos os créditos da equipe de estudantes e seus colaboradores. Somam-se a esse processo o rico e intenso intercâmbio entre experientes realizadores de cinema e alunos durante o período de discussões e exibições de obras cinematográficas no ambiente das salas. A experiência é marcada, oficialmente, no evento permanente, Fronteira em debate, promovido pelo curso de Jornalismo com realizadores de audiovisual e diretores do Festival Internacional de Cinema da Fronteira na Urcamp.

O CineClube Urcamp Documenta

Se o projeto Cinejornal auxilia na divulgação do cinema como oportunidade de enriquecimento cultural e fomento à geração de um público realizador de audiovisual em toda a região de abrangência da Urcamp, o CineClube Urcamp Documenta, vem complementar importante aspecto da proposta. O primeiro constitui-se em excelente experimento para a produção de audiovisual no que concerne aos seus aspectos pedagógicos, práticos e de envolvimento com a comunidade. O segundo vem incentivar a compreensão e o fortalecimento da linguagem audiovisual como recurso de expressão. Visa formar um público

capaz de interpretar e debater a obra cinematográfica.

Ao defender o ensino por competências cabe à universidade oferecer meios de simular a prática da atividade profissional como instrumento de consolidação dos conhecimentos e sua aplicação, também cabe ao meio acadêmico buscar a comunidade no sentido de identificar canais de interação e ser ambiente de transformação cultural. Com a aplicação de cineclube, o curso de Jornalismo e seus acadêmicos vão selecionar obras cinematográficas a serem exibidas para convidados na comunidade a fim de debater-las, retirar sentido de sua interpretação e reunir os pontos de vistas possíveis entre público e especialistas em debate. Assim, o projeto lança mão de 78 obras cinematográficas doadas pela Agência Nacional de Cinema – Ancine – em língua portuguesa para, mediados por especialistas convidados, exibir filmes nacionais e incentivar o debate sobre a realidade brasileira a partir do audiovisual.

Nesse contexto, a prática do cineclubismo possibilita o aprofundamento das relações comunitárias, ao mesmo tempo em que gera público de cinema e massa crítica, tanto dentro da instituição quanto fora dela, de maneira a incentivar a formação de uma sociedade baseada no diálogo, na experiência e na democracia. É sobre esses fundamentos que surge o projeto CineClube Urcamp Documenta, impulsionado a partir da dis-

ciplina de Laboratório em Cinema, do curso de Jornalismo do Centro Universitário da Região da Campanha – Urcamp, e desenvolvido pelos próprios acadêmicos, sob supervisão docente.

O CineClube Urcamp Documenta nasce, assim, com metas mais funcionais se comparadas às primeiras manifestações de cineclubismo da história, quando sua origem marcava a tentativa de afirmação do cinema como arte ainda no final do século XIX. Ainda que se tenham decorridos mais de cem anos, algumas ligações entre os tradicionais cineclubes nos trazem afinidades com os objetivos do projeto atual, como, por exemplo, a ideia poderosa de que o cinema pode reunir uma ampla concentração de expressões artísticas que potencializa ou magnetiza sua mensagem. Foi com este pensamento que o ensaísta e crítico Riccioto Canudo, nas palavras da professora Fatimarlei Lunardelli (2000, p. 17) *“valorizou o novo meio de expressão como uma síntese de todas as artes e cunhou, em escritos a partir de 1911, a expressão ‘sétima arte’”*. E como a fruição artística pode ser alinhada em uma eficiente construção de conhecimentos, sua elaboração em termos de crítica cinematográfica ganhou força a partir de um dos seguidores de Canudo, Louis Delluc, criador da palavra Ciné-club (Lunardelli, 2000).

Ainda que influenciado pela paixão de tempos de outrora, o CineClube Urcamp

Documenta surge em sua experiência embrionária e introdutória com objetivos ainda humildes dirigidos, num primeiro instante, ao objetivo geral de cumprir as exigências de conteúdo quanto ao domínio da história do Cinema, suas práticas de produção, suas técnicas de análise e a introdução ao texto de crítica cinematográfica. Como objetivos específicos relacionam-se metas como auxiliar na geração de público novo para a produção audiovisual da região, preparar o acadêmico tanto para produzir eventos públicos quanto para debater assuntos de interesse social a partir de obras cinematográficas, artísticas e culturais, além de influenciar no reconhecimento do centro universitário como agente ativo na consolidação de uma cultura estética e cinematográfica na região. E dessa maneira, associar-se às características básicas do conceito de cineclubismo de FELDMAN:

Cineclube é toda associação não comercial que tenha por finalidade exclusiva contribuir, por todos os meios, para o desenvolvimento da cultura, dos estudos históricos e da técnica da arte cinematográfica, promovendo o intercâmbio cultural cinematográfico entre os povos, difundindo o filme experimental e cujo principal objetivo consiste na projeção de películas em sessões reservadas (FELDMAN, Simon, 1990. In Lunardelli, 2000, p 19).

Aprender fazendo

Sob o aspecto pedagógico, o projeto atende às metodologias ativas fomentadas

pela instituição de ensino, principalmente em relação à aprendizagem baseada em projetos e à aprendizagem entre pares e times. Bastos (2006) defende “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema”. Ou seja, metodologias ativas representam uma proposta focada no estudante, e não no professor. Ambas possibilitam uma maior autonomia aos alunos em relação à construção do conhecimento e oportunizam a inserção social comunitária, incentivando-os a desenvolver um perfil investigativo e crítico diante de contextos específicos. Além dos objetivos apontados como resultados comunitários, o planejamento das ações pressupõe elencar os objetivos de aprendizagem acadêmica do projeto, que ficaram definidos na seguinte estrutura de possibilidades:

- compreender a origem histórica e a importância emergente do cinema e do audiovisual para a comunicação;
- identificar as características das principais escolas de cinema a partir de seu contexto histórico e simbólico;
- reconhecer e exercitar as técnicas de redação de crítica cinematográfica;
- experienciar a organização compartilhada de evento cultural/acadêmico.

Tendo sido esclarecidos os objetivos de aprendizagem, que serviriam mais tarde como critérios avaliativos da atividade, também foram elencadas atividades que se destinassem a garantir os resultados aspirados:

- promover encontros de cineclubismo, mediante a escolha prévia de tema principal, filme representativo e escolha de convidados debatedores.
- realizar pesquisas sobre as escolas cinematográficas e períodos representativos a partir da temática abordada;
- elaborar e aplicar questionários de avaliação de oferta e compreensão do tema para o público convidado;
- relacionar os conhecimentos técnicos e simbólicos do filme e da posição dos debatedores.

Grupos vão a campo

Tendo sido oferecida base de referencial teórico de debates prévios sobre os possíveis temas abordados e perante a provocação do docente, os acadêmicos dividiram-se em quatro grupos e definiram as temáticas a serem tratadas durante os eventos de cineclubismo. Cada encontro deveria ser associado a uma produção cinematográfica de origem brasileira que compõem o acervo de filmes doados pela Agência Nacional do Cinema à Urcamp. As

Foto: Bianca Vaz



Acadêmicos do oitavo semestre de Jornalismo desenvolveram o primeiro projeto CineClube Urcamp Documenta, coordenado pelo professor Glauber Pereira no componente curricular de Laboratório em Cinema

produções escolhidas foram o documentário *Tropicália*, do diretor Marcelo Machado, que trata sobre o movimento cultural homônimo que explodiu no Brasil na década de 1960; o filme *O Palhaço*, do diretor Selton Mello, cuja história gira em torno da temática de crise de identidade e depressão; o longa-metragem *Barravento*, do icônico diretor do Cinema Novo, Glauber Rocha, cujo enredo envolve temáticas de racismo e religião; e o filme *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, do diretor Daniel Ribeiro, que trata sobre adolescência, ambiente escolar e descoberta da sexualidade.

Após assistirem e pesquisarem cada produção, os

grupos definiram dois debates entre profissionais graduados, especialistas ou personalidades relevantes dentro do contexto de cada temática, para cada um dos quatro eventos realizados entre outubro e novembro de 2019. A dinâmica consistia em exibir o filme e posteriormente mediar um debate, propondo tópicos em cada um dos assuntos abordados. Os públicos-alvo dos eventos foram estudantes de ensino médio e ensino superior, profissionais das áreas relacionadas, professores, entidades de classe e comunidade interessada.

A essa atividade foram ainda integradas tarefas que permitiam a análise de aspectos

comportamentais e procedimentais às condutas dos acadêmicos. Eles foram instados a criar campanha de divulgação junto ao público que considerassem mais interessado no tema da obra escolhida e a participar de entrevistas nos veículos de comunicação para difundir o evento e suas características. Tais atuações permitem identificar recursos socioafetivos, liderança e capacidade de harmonização de conflitos. Sem contar que a preparação para entrevistas exige o domínio completo do conteúdo, o exercício de ilações atentas e o uso de recursos de expressão para comunicar os objetivos em entrevistas reais.

Captura de tela: Reprodução/Jornal Minuano

Alunos de Jornalismo inauguram projeto de Cineclube na Urcamp



Equipe conduzirá debates, aos sábados, no Salão de atos do Campus Central

por Sharon Maia e Bianca Vaz
Acadêmicos de Jornalismo da Urcamp

O curso de Jornalismo da Urcamp dará início, no próximo sábado, ao projeto CineClube UrcampDocumenta. A atividade de cineclubismo é aquela que oferece ao público sessões de cinema com debate e análise das obras. A primeira edição apresentará o filme documentário *Tropicália*, de Marcelo Machado, no dia 19 de outubro, das 14h às 17h, no Salão de Atos da Urcamp.

O encontro terá como debatedores a professora de música da Unipampa, Luana Zambizzi dos Santos, e o ator e ex-secretário de cultura de Bagé, Sapirán Brião, com a mediação dos acadêmicos Augusto Soares e Marília Alves.

O Cineclube é uma iniciativa do coordenador do curso, jornalista Glauber Pereira, para integrar os projetos de ensino/extensão que levam benefícios à comunidade aos componentes curriculares das aulas. "Nesse

caso, o projeto beneficia a formação de público novo, preparando as pessoas não apenas para serem consumidores entretidos, mas para entender e discutir o tema dos filmes, para opinar e decidir a partir de conteúdos de audiovisuais", afirma. Integrando a cadeia de Laboratório em Cinema, o trabalho se baseia em exibir gratuitamente filmes com propostas inovadoras, oferecidos a estudantes, professores e simpatizantes de cinema de toda a comunidade.

Exibição Comentada

O trabalho prevê quatro exibições até o mês de dezembro. As atividades são desenvolvidas por grupos de acadêmicos do oitavo semestre, que indicam a obra e o nome dos debatedores. Para cada encontro haverá dois convidados, que vão auxiliar o público a partir de questionamentos na busca de um espaço de reflexão sobre o tema, o contexto histórico, a linguagem e as mensagens contidas no filme. O acadêmico Augustinho Soares avalia que as pessoas são habituadas a ver filmes, mas não a refletir sobre eles. "A ideia é criar um tipo de pensamento, uma ideia de criticar o que é esse filme, o que esse filme realmente quis mostrar e se ele conseguiu mostrar isso", declara.

Cineclube UrcampDocumenta

O projeto de cineclube é integrado ao projeto Cinejornal Urcamp Documenta, que há cinco anos promove a divulgação diária do Festival Internacional de Cinema da Fronteira correspondendo aos conteúdos do componente curricular de cinema e telejornalismo. Como resultado de cada experiência, os estudantes relatarão os debates em textos analíticos e críticos, visando publicar, até o final do ano, a primeira revista do projeto Cineclube UrcampDocumenta.

O objetivo do Cineclube é levar mais público para as salas de cinema. "A cereja desse bolo é o fato de proporcionar a mudança do comportamento desse público. De simples consumidor de conteúdo a um produtor de conteúdo", conclui Pereira.

Reportagem do Jornal Minuano marca lançamento da proposta de um CineClube do curso de Jornalismo da Urcamp

Considerações sobre a experiência

Em síntese, o projeto cumpriu seus objetivos, gerando discussões sociais importantes e oportunizando a produção de eventos acadêmicos por parte dos estudantes. A geração de contatos, descobertas informativas surgidas no seio da obra audiovisual e o contato com os debatedores e com o público permitiu aos acadêmicos a comparação com seus estudos prévios e a apresentação de quatro resumos escritos que compõem nosso estímulo à descrição ou crítica cinematográfica. Não sem que tais passos fossem devidamente avaliados a partir de um sistema de valoração formativa e que privilegia o processo de trabalho em vez do resultado

final. Assim, trabalhamos os seguintes aspectos da experiência avaliativa a partir de técnicas ativas:

- Seminário de defesa da obra a ser exibida: identificar conhecimentos conceituais a partir do momento em que os grupos apresentam os resultados de sua pesquisa sobre o filme a ser exibido em seu evento de cineclubismo. Inclui-se nessa proposta avaliar a bibliografia de referência, a identificação do período ou escola cinematográfica; a identificação do gênero da obra e da relevância do tema do filme contexto de sua exibição.
- Produção de um evento de cineclubismo (fórum/painel): apontar conhe-

cimentos atitudinais que revelem iniciativa e domínio na produção de um encontro com dois convidados; a pertinência dos nomes escolhidos e sua afinidade com o tema do debate; a capacidade de mediação entre os debatedores e a plateia presente ao evento; o domínio completo das diferentes etapas de sua proposta de evento.

- A produção de quatro textos de crítica cinematográfica a partir dos conhecimentos levantados com a pesquisa bibliográfica, da observação crítica da obra cinematográfica, mas que também contemple as principais observações e opiniões assumidas pelos debatedores no evento de cineclube – no que

propomos seja o índice de conhecimentos procedimentais formalizados no resumo textual e profissional de uma experiência de escrita crítica e opinativa.

Juntos, a combinação de conhecimentos conceituais, conhecimentos atitudinais e conhecimentos procedimentais, encontram os princípios de uma educação completa para a competência, que mobiliza atitudes e habilidades na construção de um profissional cidadão, integrado profissionalmente e lúcido do impacto de suas decisões na sociedade.

Apesar de tudo, essa é uma construção inicial, cujo alicerce nos estimula a novas publicações. Nas próximas páginas, vocês poderão encontrar os textos-relatórios de cada grupo de alunos, que contam a história destes encontros de cineclubismo, avaliam seus temas e o impacto em seu público e convidados.

Boa leitura.

Palavras-chave:

Cineclubismo;
debate social;
pensamento crítico.



Fotos: Glauber Pereira

Acadêmicos e professor concederam entrevistas às rádios locais PopRock e Difusora



Referências

BASTOS, Celso C. Metodologias ativas. **Educação & Medicina**, 2006. Disponível em: <<http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>>. Acesso em: 5 dez. 2019.

LUNARDELLI, Fatimarlei. **Quando éramos jovens**: história do clube de cinema de Porto Alegre. Porto Alegre, RS: Secretaria Municipal de Cultura, 2000.

KEMP, Philip. **Tudo sobre cinema**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. 1. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.



1. Tropicália (2012)

Este documentário aborda o importante movimento cultural que explodiu no Brasil na década de 1960, porém com um olhar contemporâneo. É uma mistura de material de arquivo recuperado e novas entrevistas com os protagonistas do movimento, como Caetano Veloso.

Direção: **Marcelo Machado**



por **Augustho Soares e Murilo Alves**

Acadêmicos do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Urcamp

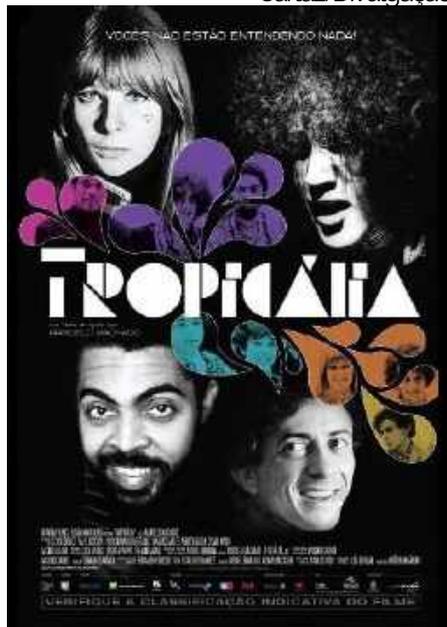
Um filme essencial para quem deseja conhecer a história da música e da cultura brasileira, o documentário *Tropicália* sintetiza o que foi um dos movimentos culturais mais importantes do século passado. Lançado em setembro de 2012, com 1 hora e 17 minutos de duração, o longa-metragem dirigido por Marcelo Machado aborda o Tropicalismo, movimento que surge no Brasil, no final da década de 1960, bebendo de fontes nacionais e internacionais.

Essa nova onda provocou uma grande revolução na forma de se fazer música e, além disso, também provocou diversas mudanças em termos de comportamento, moda e estética, principalmente entre os jovens. Desde novos cortes de cabelo, arranjos de guitarra elétrica e figurinos de cores vibrantes, até uma mudança na forma com que a sociedade enxergava a política.

Ao longo de pouco mais de uma hora de tela, *Tropicália* conta as origens, inspirações e os desdobramentos desta era. Os encarregados de compor esta história são, entre outros, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé e Rita Lee, que, através de depoimentos, narram com detalhes histórias

vividas nos palcos e nos bastidores. Um exemplo disso foi quando os músicos do grupo Os Mutantes quiseram introduzir guitarras elétricas e sintetizadores em suas músicas. Ao contar esta história, Rita Lee revela que essa decisão gerou polêmica de um grupo de pessoas que era contra a "americanização" da música nacional.

Cartaz Divulgação



Além desses depoimentos, o documentário apresenta um longo acervo de imagens da época. É por meio desses arquivos que o filme *Tropicália* entrega uma experiência de imersão ao seu público. Trechos de programas de auditório, apresentações e festivais contribuem para a narrativa. Tudo isso, ao som de algumas das músicas que mais se des-

tacaram durante o movimento, uma trilha sonora que por si só já seria o suficiente para chamar a atenção de um público específico para o filme. Além disso, também se destaca o projeto visual da produção, com transições e vinhetas que utilizam da estética adotada no tropicalismo, com cores vibrantes e referências à psicodelia, ao movimento hippie e à contracultura.

O filme ainda traz o relato de personagens que viveram o lado mais sombrio da ditadura militar. A busca pela liberdade, movimentos estudantis, histórias de censura, repressão e até prisões. Algumas das cenas que estão no filme foram, inclusive, mostradas aos próprios entrevistados na hora da coleta de seus depoimentos, o que torna ainda mais emocionante ver as reações dos músicos, ao visualizarem registros que até por eles eram desconhecidos.

Vendo isso, percebe-se que *Tropicália* é uma obra pensada com o intuito de impactar, não apenas pela temática que aborda, mas também pela forma com que é exposta. Ela, sem dúvidas, acerta naquilo que se propõe a fazer, porém, não há como deixar de comentar que, em seu fim, a produção deixa no público uma sensação de insacieda-

de, por não abordar os desdobramentos do movimento e no que ele influenciou na sociedade brasileira, na música e na cultura nacional.

Mas acima de tudo, Tropicália tem mais acertos do que erros, sendo feita na medida para quem deseja conhecer melhor a música brasileira e alguns dos seus principais nomes. Fora que consegue segurar um ritmo adequado até mesmo para manter a atenção de pessoas que não estão tão acostumadas com documentários.

CineClube

Urcamp Documenta

Sabendo do impacto e apelo causados pelo filme, alunos do oitavo semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp) escolheram Tropicália para ser exibido no lançamento da primeira edição do Cine Clube Urcamp Documenta. O projeto serve como atividade prática para o conteúdo programático do componente curricular de Laboratório de Cinema do curso de Jornalismo da Urcamp. A proposta visa ampliar o público de cinema na região e fomentar na comunidade local o hábito de debater o discurso audiovisual, assim como a sua influência e possíveis interpretações.



Prof.^a Dra. Luana Zambiazzi, docente do curso de Música da Universidade Federal do Pampa e uma das debatedoras do evento

No total, entre outubro e novembro de 2019 foram exibidas quatro produções audiovisuais com temáticas diversas.

Exibição e debate

Organizada pelos acadêmicos Augustho Soares e Murilo Alves, a exibição do filme Tropicália aconteceu no Salão de Atos do Centro Universitário da Região da Campanha – Urcamp, no dia 19 de outubro de 2019, com início às 14h.

Após o documentário ser exibido, a influência do movimento tropicalista na construção da identidade cultural brasileira foi debatida entre a professora de música da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) Luana Zambiazzi dos Santos, e o ator e ex-secretário municipal de cultura de Bagé, Sapiran Brito.

Luana, além de lecionar na universidade, é doutora e tem extensa pesquisa em etnomusicologia, ciência que busca estudar a música em seu contexto cultural. Brito, além de ter vivido a época em que o tropicalismo estava em seu auge, também é ativista cultural, carnavalesco e é conhecido por ter opiniões fortes sobre diversos assuntos ligados à cultura como um todo.

Luana começou explicando que os personagens do Tropicalismo buscavam através da música estabelecer aquilo que pensavam dentro da identidade brasileira. Brito, por sua vez, destacou que o movimento tropicalista surgiu através dos jovens artistas oriundos de festivais de música da época, como uma resposta ao que estava sendo feito na Bossa Nova e na Jovem Guarda, que coman-



O ator e ex-secretário municipal de Cultura, Sapiran Brito, também foi debatedor

davam o cenário musical até então. Isso, é claro, também dentro de um contexto político hostil para a cultura, em que era necessária a procura por novas formas de expressão.

Retomando, Luana enfatizou que esta produção musical contestadora, embo-

ra tenha se centralizado historicamente como algo que iniciou no Sudeste brasileiro, ocorreu em diversas regiões simultaneamente. "No Nordeste, no Norte, aqui no Sul, haviam personagens importantes, não dizendo necessariamente as mesmas coisas, mas também provocando.

Também incomodando", declarou.

A professora ainda salientou que a música em si é algo que, de certa forma, incomoda sempre quando são introduzidas novas perspectivas dentro de um contexto onde já se está estabelecido um padrão, como foi no caso do movimento tropicalista, que unia o som das guitarras elétricas aos ritmos populares brasileiros, como o samba. "Música está sempre nos provocando, música está sempre nos chamando atenção para camadas na sociedade que não estão sendo notadas", ressaltou.

A docente destacou que a pluralidade da sociedade brasileira é algo que deve ser pensado antes de se julgar os diferentes tipos de música. "Quanto mais nós buscarmos um único jeito de fazer música e entender um único estilo

A primeira exibição do CineClube foi realizada no dia 19 de outubro, no Salão de Atos da instituição de ensino superior comunitário



como o jeito correto, maior é a chance do tiro no pé. Porque ele não revela o que é a vida na sociedade brasileira. A vida na sociedade brasileira é plural", afirmou.

Em resposta, Brito avaliou a música como a arte mais universal, e lembrou que o tropicalismo soube aproveitar isso ao utilizar da guitarra, típica da música norte-americana, para agregar no som brasileiro. "Não tem que ter medo de influências, não tem que ter medo de aspectos estrangeiros. Está no mundo, nós somos cidadãos do mundo, então eles trazem e adaptam a nossa realidade", frisou.

O ativista cultural ainda destacou que, em sua concepção, este, assim como os principais ritmos da música popular internacional surgiram

através de pessoas negras, que apesar de serem muitas vezes relegadas pela mídia, foram os verdadeiros pioneiros. "O negro foi sim protagonista, e está voltando a ser na música popular. Na música latina, norte-americana, centro-americana e sul-americana. Esta é a melhor música, e os protagonistas são os negros", salientou.

Por sua vez, Luana lembrou que o tropicalismo, assim como o samba e tantos outros ritmos são produtos da indústria fonográfica, e, por consequência, sofrem com o que é imposto por ela. "Se pegarmos as formas de propaganda de um nacionalismo no Estado Novo, uma delas foi o samba, mas olha o ideal de sociedade brasileira que era divulgado, era branco!

Eles podiam pegar a música, mas não respeitavam as pessoas", destacou a professora, que completou ao afirmar que este "é um sistema racializado sim, que associa a cor da pele e o fenótipo, o conceito de raça do tipo natural a habilidades culturais".

Por fim, Sapiran ressaltou que a tropicália não só revolucionou o Brasil musicalmente, mas também em costumes e hábitos, juntando elementos de diversas procedências para criar um estilo genuinamente brasileiro. Já, Luana acentuou que o movimento foi responsável por pluralizar a identidade brasileira dentro de um movimento, posicionando ritmos, instrumentos musicais e sotaques, em uma escala comercial.

Os acadêmicos organizadores do evento com os debatedores e os coordenadores dos cursos de Jornalismo da Urcamp e de Música da Unipampa



Foto: Marcelo Rodríguez



A warm, orange-toned photograph of a tent interior. The scene is filled with string lights that create a soft, glowing atmosphere. The tent's structure is visible as dark lines against the lighter background. The overall mood is cozy and intimate.

2. O Palhaço (2011)

Conta a história de Benjamin e seu pai Valdemar, dois palhaços que trabalham num circo mambembe, de propriedade deles, durante os anos 70. Frustrado, Benjamin decide abandonar a vida artística e trabalhar numa empresa de uma cidade distante. Isso afeta a vida de todos, inclusive a dele.

Direção: **Selton Mello**

por **Cristiane Ramires, Jéssica Velleda e Victoria Ferreira**

Acadêmicas do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Urcamp

O projeto CineClube Urcamp Documenta

O projeto CineClube Urcamp Documenta teve como objetivo democratizar o acesso e o debate sobre o cinema, fazendo com que as pessoas criem hábitos culturais. O CineClube integra os projetos de ensino/extensão, que levam benefícios à comunidade. Entre as propostas do projeto, consta a interpretação das obras para criar um público novo para o cinema.

Durante o Cineclube, foram exibidos quatro filmes nacionais: Tropicália foi o primeiro, O Palhaço o segundo, e os próximos foram: Barravento e Hoje eu quero voltar sozinho. As atividades, realizadas aos sábados, foram desenvolvidas por grupos de acadêmicos do oitavo semestre, que indicam a obra e o nome dos debatedores. Para cada encontro se contava com a presença de dois convidados, que auxiliavam o público a partir de

questionamentos na busca de um espaço de reflexão sobre o tema, contexto histórico, linguagem e mensagens.

Divididos em grupos para as exposições, as acadêmicas de jornalismo Cristiane Ramires, Jéssica Velleda e Victória Ferreira comandaram a segunda edição do projeto CineClube Urcamp Documenta, que foi exibido no dia 9 de novembro de 2019, quando foi exibido o filme: O Palhaço, dirigido por Selton Mello.

O filme: O Palhaço

Cartaz Divulgação



O cinema nacional apostou na comédia dramática do filme de Selton Mello, que também interpreta o personagem principal da trama. O Palhaço, como o título já anuncia, trata da vida do mais tradicional artista circense. O filme conta a história de Benjamim (Selton Mello) que trabalha no Circo Esperança, com seu pai, Valdemar (Paulo José), que já é bastante ausente da maioria das negociações.

Juntos, eles formam a dupla de palhaços Pangaré & Puro Sangue e fazem a alegria da plateia. Mas a vida anda sem graça para Benjamin, que além das dificuldades convencionais, passa por uma crise existencial que o faz perder o interesse pela carreira de palhaço. Cansado do estilo de vida nômade que leva, o palhaço passa a sonhar com um ventilador, endereço fixo e até mesmo com um documento. O palhaço quer algo novo, que o estimule, mas nem ele sabe muito bem o que deseja. Seu pai e amigos lamentam o que está acontecendo com o companheiro, mas entendem

Fotos: Victoria Ferreira



Um dos debatedores do filme foi o animador cultural e palhaço, Claudionor Borges. Ele explanou sobre as dificuldades de fazer arte na cidade de Bagé.

que ele precisa encontrar seu caminho por conta própria.

O Palhaço tem vários momentos de puro humor, como a visita ao prefeito da pequena cidade e as apresentações dos artistas no picadeiro. Apesar disso, este é um filme com alta carga dramática, que parte da tristeza e insatisfação profunda de um personagem para servir de exem-

plo de uma condição humana muito particular e, ao mesmo tempo, universal: como nos contentar com o que temos ao invés de só almejarmos o que nos parece impossível?

Em certo momento da história uma garota vem lhe elogiar, dizendo que é de outra cidade e que eles deveriam se apresentar lá. Isso é suficiente para ele imaginar

toda outra vida com a menina, como se a possibilidade que esse flerte lhe abriu também servisse de caminho para o fim da depressão que lhe abate.

Mas a solução do que lhe atormenta estaria nos outros ou nele mesmo? Outro ponto interessante que percebemos no filme é a obsessão de Benjamim por ventiladores. O objeto acaba assumindo uma proporção muito maior, como se o simples fato de possuí-lo significasse realização e poder. Sua vida é tão infeliz que nem de um simples ventilador é dono! É o que pensa o palhaço, até o momento em que se vê cercado de diversos modelos e percebe que a felicidade não está lá fora, como sempre imaginou.

A segunda exibição comentada do CineClube foi realizada no dia 9 de novembro, no Salão de Atos da Urcamp





A psicóloga Rosiclei Machado avaliou sentimentos como crise existencial e depressão entre jovens durante o processo de escolha das carreiras profissionais

Exibição e debate

A sessão durou cerca de três horas, contou com 13 pessoas na plateia e aconteceu no Salão de Atos do campus central da Urcamp. Logo após, houve um debate com a psicóloga Rosiclei Machado e o animador cultural Claudionor Borges. Foram escolhidos os debatedores a partir do assunto que foi tratado no filme. O animador cultural Claudionor Borges também é palhaço e lida com as dificuldades de fazer arte na cidade. Já a psicóloga Rosiclei Machado, foi escolhida para falar mais sobre sentimentos que mui-

tos jovens manifestam, como crise existencial, depressão e decepção ocasionadas pelas escolhas profissionais mal resolvidas.

Borges diz que, o filme relatou perfeitamente o que ele, como artista, sente. "A dificuldade do circo brasileiro é real. A maioria dos circos estão quebrando. Tudo que vi ali é a minha realidade. Eu me identifiquei muito", destaca. Para a psicóloga, o protagonista do filme representou grandes vertentes de crises existenciais. "O ambiente em que vivemos pode causar muito isso. Ele começou a achar que não produzia mais o riso, sen-

tir um pouco de insatisfação, a pressão que ele sentia de tudo na volta", avalia.

Rosiclei destaca que chegou a perceber sintomas de depressão no palhaço. Claudionor concorda com os pontos destacados pela profissional de psicologia, mas completa dizendo que quando o palhaço procurou novos rumos, ele continuou infeliz. "Ele veio de uma família de circo e antigamente era bem mais complicado. Nos dias de hoje, é diferente. As crianças têm direito ao estudo, têm escola e cursos de circo. Esta identidade de passar esta dificuldade é frustrante", pontua.

Na visão da plateia, o protagonista precisou conhecer outro horizonte para entender que vivia o que realmente gostava, resignificando sua história. Durante o debate, muito se questionou sobre a depressão pós-graduação profissional, dúvidas no caminho de quem quer seguir uma carreira e, também, sobre a crise exis-

tencial, sem saber o que realmente quer. Para o jornalista Patrick Corrêa, que atua como animador em ações voluntárias, o projeto cineclube é importante para fomentar a cultura e trazer a discussão de obras com profissionais de diversas áreas. Em sua avaliação, o filme passou que é necessário muitas vezes ter uma visão mais ampla

do todo. "Quando a gente se afasta um pouco do problema, conseguimos até enxergar os fatos com mais clareza. O debate de certa forma acaba confirmando o que o filme levantou na minha interpretação. Mostrando que é válido trabalhar no que gosta, mas sempre manter a tranquilidade e entender o tempo das coisas", pondera.

Acadêmicas organizadoras do evento e os debatedores





3. Barravento (1962)

A história acompanha um ex-pescador que volta à aldeiazinha onde foi criado para tentar livrar o povo do domínio da religião. O termo *Barravento* é o momento de violência, quando as coisas de terra e mar se transformam, quando no amor, na vida e no meio social ocorrem súbitas mudanças.

Direção: **Glauber Rocha**



por Gabriel de Bem, Larissa Macedo e Nadine Posqui

Acadêmicos do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Urcamp

O CineClube é uma proposta de atividade de prática de ensino e de extensão que contempla o conteúdo programático do componente curricular de Laboratório de Cinema do curso de Jornalismo da Urcamp. O principal objetivo é debater o discurso audiovisual, sua influência e possíveis interpretações em uma sociedade tomada pela urgência da atualização e pelo avassalador impacto das redes sociais. As atividades de cineclubismo que visam ampliar o público de cinema na região são assumidas a partir de quatro grupos de acadêmicos do oitavo semestre, encarregados de organizar quatro diferentes eventos de exibição comentada de obras cinematográficas.

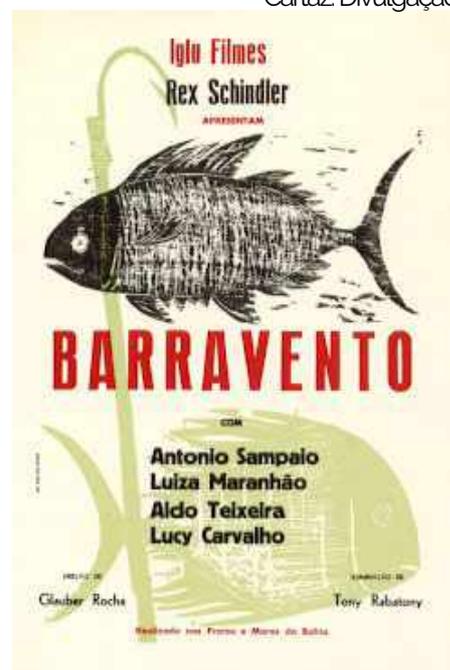
O grupo encarregado do filme *Barravento*, Larissa Lopes, Nadiane Poschi e Gabriel Palomino de Bem, promoveu no dia 23 de novembro de 2019 a terceira exibição da

primeira edição do CineClube, organizado pelos alunos no Salão de Atos do Centro Universitário da Região da Campanha, com início às 14h e término às 17h. O cineclube busca fortalecer o cenário cultural da cidade, realizando sessões semanais de filmes nacionais a partir de integração dos conteúdos que fomentam o conhecimento da prática do fazer cinema e, ainda, de escrever sobre a sétima arte. Assim, cada longa-metragem aborda diferentes temas, que são pertinentes em nossa sociedade, previamente debatidos e selecionados em sala de aula. Como metodologia, emprega-se a exibição comentada, quando apresenta-se o filme e promove-se um debate com convidados especialistas inseridos na realidade abordada pelo filme.

Nesta terceira exibição, a obra interpretada foi o primeiro longa-metragem dirigido pelo cineasta baiano Glauber Rocha, *Barravento*, de 1962. O filme foi gravado na praia

de Buraquinho, localizada no litoral baiano, mostrando o cotidiano de uma aldeia de pescadores descendentes de africanos, que se mantinham somente desta atividade.

Cartaz Divulgação



A religião é uma característica marcante retratada no filme, o que deixa explícitos os costumes e as crenças dos fiéis. O *candomblé* é uma prática afro-brasileira, derivada de cultos tradicionais africanos, caracterizada pela devoção a um ser supremo que dirige a forças da natureza, personificadas na forma de ancestrais divinizados: *orixás* e *vodus*. Segundo o Censo do IBGE

Fotos: Nadine Posqui



Um dos debatedores foi o advogado Luiz Alves, ligado à Comissão Especial de Igualdade Racial da OAB, subseção Bagé

(2010), 0,3% da população é praticante. O candomblé surge na Bahia, em meados do século XIX.

A capoeira é outro ponto exibido no filme. A dança apresentada como uma expressão cultural brasileira desenvolvida por descendentes de escravos africanos, é caracterizada por golpes e movimentos ágeis e complexos. Uma característica que difere a capoeira das demais artes marciais é a sua musicalidade. Praticantes dessa modalidade aprendem, não apenas a lutar e jogar, mas também a cantar e tocar os instrumentos típicos. Um capoeirista que ignora a musicalidade é considerado incompleto.

Originalmente, Barravento não seria dirigido por Glauber Rocha. A produtora

responsável pela obra, Iglu Filmes, já tinha entregue o comando da câmera a Luiz Paulino dos Santos, que já há algum tempo conhecia Glauber, tendo trabalhado com ele em Pátio, da mesma forma que Glauber trabalhou na captação de som do curta-metragem Um dia na Rampa, de Paulino, dois anos antes.

Quando concebido, barravento tinha Rocha apenas como produtor, mas uma série de divergências artística e de concepção para o filme se impuseram entre ele e Paulino, que romperam a amizade e se separaram artisticamente. Com a demissão de Paulino, Glauber assumiu a autoria de Barravento e modificou não só a maior parte do elenco, como também mudou toda a essência do roteiro, deixando apenas a premissa original e o

argumento fanático do filme, que possuía um apelo social latente, mas que ia por um caminho menos "raíz" ou menos plural que aquele almejado pelo agora diretor da fita.

Com Rocha, o filme se tornou um experimento cinematográfico, tropical de "câmera na mão e ideia na cabeça". O filme foi rodado em uma vila litorânea da Bahia com uma comunidade de pescadores de Xaréu descendentes de escravos africanos. Durante o filme, há espaço para incursão religiosa afro-brasileira, para uma forte crítica ao poder dos ricos frente ao abandono, inclusive governista, dos mais pobres. Há espaço, ainda para o diretor criticar a desorientação dessa classe massacrada, que não consegue organizar-se para gritar contra a sua exploração e se afunda em crises particulares, provocações e maior atenção a feitiços e festas do que deveria.

Com a montagem de Nelson Pereira dos Santos, o filme se tornou uma interessante sucessão de eventos cotidianos observados de maneira dinâmica pela câmera e organizados de um modo bastante plural, seguindo, a rigor, um roteiro linear. Ao mesmo tempo, enveredando por caminhos não muito fáceis para

um espectador pouco atento, caminhos esses que irão explorar os dramas individuais, a raiz da fé em lemanjá, a origem da proteção dos santos, os despachos para “pegar” os “não-protegidos”, e o amor arrasador.

Há algo que quase fica nas entrelinhas, mas que escapa ao controle da sugestão e aparece, de maneira bem sutil, no decorrer da projeção: praticamente nenhum indivíduo consegue controlar as forças que guiam a sua vida, sejam elas divinas, sociais, ou passionais. Todos parecem presos a um ciclo de eventos já vistos em tempos passados - a família que foge da seca do sertão e chega no litoral para igualmente encontrar fome e desespero; os homens que lembram os tempos de criança, quando os mais velhos saíam para pescar de jangada de manhã e voltavam apenas “na boca da noite” - todas essas lembranças criam uma espécie de prisão histórica que é passada de geração para geração. Vez ou outra chega alguém que enxerga as grades e faz algo além de reclamar do destino. Mas esses são segregados e rebeldes, desrespeitosos. Não há lugar para eles no grupo.



Analista em educação, Emilinha Macedo diz que tema tem efeitos muito atuais

Ativismo: os debatedores

Os convidados para discutir o filme e os temas tratados nele, foram o advogado ligado à Comissão Especial de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil, OAB-subseção Bagé, Luiz Alves, e a analista de educação, Emilinha Macedo. Na ocasião, responderam algumas perguntas pré-definidas pelo grupo organizador do evento e, ao final, entabularam um

longo diálogo com o público. No momento do debate foi realizado um comparativo entre os acontecimentos do filme e o contexto social em que estamos inseridos, mencionando assuntos como religião, racismo e política.

Na concepção de Emilinha, o filme consegue retratar com propriedade os acontecimentos exibidos, de forma indireta. Além disso, revela a possibilidade de trazer o debate para o presente. “O filme

A terceira exibição do CineClube foi realizada no dia 23 de novembro, no Salão de Atos da instituição de ensino superior comunitário



tem uma leitura bem forte, a gente consegue se reportar para a época em que ele foi gravado, porque realmente aquilo que ele mostra ainda existe muito hoje. É a questão da opressão dos negros por um grupo dominante, e o fortalecimento deles como base nos fatores culturais que eles trouxeram. Fica muito forte a questão da ancestralidade e da religiosidade, que veio da África e se transformou em apoio e segurança psicológica do grupo, uma maneira deles não se sentirem tão desprotegidos”, ressalta Emilinha.

Luiz Alves aponta que o diretor mostra a exploração

da mão de obra de quem tem o poder econômico contra quem só tem a força de trabalho. “No momento da primeira pesca, quando eles fazem a divisão de custos, são quatrocentos peixes para o dono da rede, cinquenta para o mestre e o restante para o grupo. Ele tenta mostrar que quem tem o poder econômico tem condições de oprimir aquele que só tem a força de trabalho”, enfatiza. Luiz acrescenta ainda, que acontece um fenômeno interessante no momento da sessão de candomblé, em que a moça branca tem dificuldade

em aceitar sua mediunidade. “Enquanto os outros fazem o chão, fazem cabeça, são cobertos pelo sangue, ela tem muita dificuldade de aceitar, embora inserida na comunidade negra, ela não pensa totalmente como eles”, destaca.

O debate encerrou com perguntas do público feitas aos debatedores e ao trio que realizou a mediação da atividade. Pode-se concluir que o debate foi enriquecedor e serviu como objeto de reflexão, tanto para quem assistiu, quanto para os debatedores, pois faz com que pensemos em situações que acontecem no nosso dia-a-dia e muitas vezes passam despercebidos.

Os acadêmicos organizadores do evento e os debatedores convidados







4. Hoje eu quero voltar sozinho (2014)

Leonardo, um adolescente cego, tenta lidar com a mãe superprotetora ao mesmo tempo em que busca sua independência. Quando Gabriel chega em seu colégio, novos sentimentos começam a surgir em Leonardo, fazendo com que ele descubra mais sobre si mesmo e sua sexualidade.

Direção: **Daniel Ribeiro**

por Marcelo Rodríguez, Miquéli Romero e Gabriel Munhoz

Acadêmicos do oitavo semestre do curso de Jornalismo da Urcamp

É um dever das instituições de ensino encurtar as distâncias entre os acadêmicos e a comunidade, promover debates de assuntos que impactam o coletivo. Nesse contexto, a prática do cineclubismo possibilita, através de produções cinematográficas, ampliar o diálogo e a experiência democrática. O projeto Cine Clube Urcamp Documenta tem como objetivo, então, preparar o acadêmico de jornalismo para fomentar e conduzir o debate social, ao mesmo tempo em que colabora na (re)construção cultural da sociedade regional.

Desta forma, e divididos em grupos, os estudantes do oitavo semestre selecionaram produções cinematográficas brasileiras de grande relevância e que são capazes de dialogar com a realidade social da atualidade. Assim, o grupo composto pelos alunos Gabriel Munhoz, Marcelo Rodríguez e Miquéli Romero escolheram o filme *Hoje eu quero voltar sozinho*, do diretor Daniel Ribeiro, lançado em 2014 e premiado em mais de 30 festivais. Em 2015, o Brasil escolheu-o para competir pelo Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, mas não chegou a ser indicado oficialmente pela organização.

Cartaz: Divulgação



O longa-metragem conta a história de Leonardo (Guilherme Lobo), um adolescente cego que tenta lidar com a mãe superprotetora ao mesmo tempo em que busca sua independência. Com uma vida supostamente limitada pela deficiência, Léo tem apenas uma amiga, chamada Giovana (Tess Amorim), que é secretamente apaixonada por ele. É ela a única que defende Léo da importunação dos valentões da escola. A história de Leonardo muda completamente quando chega à sala o menino novo, Gabriel (Fabio Audi). A partir dali, de forma muito inocente, ambos começam a se apaixonar.

O diretor e roteirista Daniel Ribeiro desenvolve uma ideia interessante, aplicando tantas problemáticas vividas

cotidianamente pelos adolescentes a uma história universal, como a descoberta do primeiro amor. Assim, de uma forma muito sutil, mas ao mesmo tempo contundente, o filme trata questões da adolescência, do ambiente escolar, da descoberta da sexualidade e, também, das pessoas com deficiências. Apesar de ser uma produção lançada em 2014, esses assuntos continuam atuais, como nunca antes, fundamentalmente pelo contexto sociopolítico nacional e mundial, em que as minorias sociais lutam por respeito, inclusão e para terem seus direitos reconhecidos legalmente.

A crítica especializada, tanto nacional quanto internacional, não poupou elogios ao filme. À época, a revista estadunidense *Variety* escreveu que "não há como não torcer pelos personagens desta doce história". O cineasta Eduardo Escorel escreveu em sua coluna na revista *Piauí* que o filme é "um bom exemplo do que há de melhor no atual cinema brasileiro de ficção", enquanto o crítico José Geraldo Couto, em publicação no blog do Instituto Moreira Salles, disse que é "uma obra sintonizada com as preocupações e interesses da juventude mundo afora".

A busca pela independência

Hoje eu quero voltar sozinho é baseado no curta-metragem *Eu não quero voltar sozinho*, do mesmo diretor e elenco, lançado em 2010. Apesar disso, ele não é uma continuidade, mas uma nova narrativa para a mesma história central. O filme consegue ser muito tocante, mas sem utilizar, por exemplo, uma trilha sonora que manipule o público. Claro que isso combina muito com a construção de toda a história, que não se entrega a conflitos absurdos e artificiais, pelo contrário, muitas cenas poderiam ser confundidas com documentários, considerando a tamanha realidade do que se mostra em cada uma delas.

Muitos poderiam reduzir o filme a um garoto cego que se apaixona por outro garoto, mas é o desejo de independência dele que é o motor dessa história. Uma independência voraz, que significa ser livre, também, para escolher quem amar. Mas, claro, que a descoberta desse amor não acontece de uma hora para a outra. O que inicia como uma amizade baseada na empatia com o aluno novo, logo se transforma em um afeto mais profundo e ambos começam a ter novas experiências. Gabriel insere Léo num mundo que para o resto dos adolescentes é normal: ir ao cinema, andar de bicicleta... Coisas que ele não tinha experimentado

antes. Por outro lado, Gabriel aprende a lidar com a deficiência do amigo.

Essa relação começa a afetar a amizade de Léo e Giovana. Gio, quem cultiva uma paixão secreta por ele, acaba se tornando, sem querer, um obstáculo na sua busca por liberdade. Ao mesmo tempo, ela acha que está perdendo o melhor amigo para o menino novo da escola. Isso acaba gerando vários desentendimentos, característicos da adolescência. Esses desentendimentos, os conflitos com os valentões da escola e a superproteção dos pais fazem Léo começar a pensar em fazer intercâmbio. Esse assunto é discutido em uma cena muito sensível entre pai e filho, quando este pede ajuda para fazer a barba.

A sutileza do filme atinge, inclusive, o *bullying*. Apesar de não ser um assunto que permite a relativização, o diretor Daniel Ribeiro retrata os *bullies* de uma forma que não os apresenta como grandes antagonistas. Pelo contrário, é possível observar que eles agem de forma idiota mais por imaturidade do que por maldade. Obviamente que as suas atitudes e brincadeiras de mau gosto não deixam de ser cruéis e muito menos deixam de machucar a vítima, mas são representadas de uma forma muito real e comum ao cotidiano de, com certeza, todas as escolas, fazendo com que seja muito mais simples a

identificação com elas.

Algo que chama muito a atenção, mas que também não é tão explorado no filme, é o fato de que Léo parece não se incomodar ou questionar o seu interesse por uma pessoa do mesmo sexo, diferente do que, em geral, acontece. Isso naturaliza a descoberta desse amor, tanto no contexto da ficção quanto da realidade de quem assiste. O que todos esperam, em qualquer situação similar, é um grande dilema e um drama interno, mas os personagens surpreendem. O único questionamento sobre o assunto vem de Giovana, quando Léo confessa estar apaixonado pelo amigo, mas rapidamente deixa de ser relevante. A cena final, quando o novo casal dá as mãos ao sair da escola é um belo recado aos *bullies* e deixa para quem assiste um gostinho de quero mais.

O debate

Exibido no dia 30 de novembro de 2019, no Salão de Atos do Centro Universitário da Região da Campanha - Urcamp, em Bagé, o filme buscou atrair estudantes de ensino médio, acadêmicos dos cursos de Psicologia, Pedagogia, e quaisquer outros voltados para a educação, profissionais das áreas relacionadas, professores, entidades de classe e a comunidade interessada. O debate, realizado após a exibição, teve

a participação da pedagoga Dra. Viviane Gentil, coordenadora do curso de Pedagogia da Urcamp, e da professora e psicóloga Silvia Vargas, responsável técnica pelo Serviço Integrado de Psicologia Aplicada do Núcleo de Práticas em Saúde do Hospital Universitário da Urcamp.

Questionadas na abertura, ambas as debatedoras concordaram quanto às sutilezas de linguagem do filme. “Tu vê que não é feito um grande drama com as situações que o Léo vive, mas mesmo assim a gente se comove e, em muitos casos, se identifica com aquilo”, ressalta a psicóloga Silvia Vargas. Da mesma forma, a pedagoga Viviane Gentil ressalta a naturalidade dos personagens. “Não há grandes estereótipos nas caracterizações e todas as vivências da adolescência apresentadas parecem muito reais”, explica. Elas concordam, ainda, quanto à leveza da produção, o que permite que possa ser assistida por toda a família.

Ao falar sobre o ambiente escolar, a psicóloga aponta o agir dos professores em relação ao *bullying*. “Tu vê que na primeira situação a professora intervém, mas ela não faz muita coisa, pelo contrário, ela acaba terceirizando a solução do problema mandando o menino que incomoda o Léo para a diretoria. Ela perdeu a oportunidade de discutir aquela situação com



Fotos: Glauber Pereira



As debatedoras do evento foram a coordenadora do curso de Pedagogia da Urcamp, prof^ª. Dra. Viviane Kanitz Gentil e a responsável técnica pelo SIPA do Núcleo de Práticas em Saúde do HU, psicóloga e professora Silvia Vargas

toda a turma para tentar evitar que aquilo se repita”, avalia. A pedagoga concorda. “É extremamente importante que se combatam essas situações no momento que elas ocorrerem”, comenta. Algumas intervenções do público também ressaltaram o quão negativas e dolorosas são as situações

de *bullying*. “A escola é muito cruel”, disseram.

Sobre a ânsia de independência de Léo, a pedagoga explica que é uma situação natural da adolescência. “Mas ela se potencializa com a questão da deficiência”, destaca. Silvia Vargas concorda ao dizer que é uma reação às

A quarta exibição do CineClube foi realizada no dia 30 de novembro, no Salão de Atos da instituição de ensino superior comunitário, encerrando as atividades do projeto em relação ao ano de 2019



supostas limitações. “É natural, claro, mas a superproteção da família, da amiga faz com esse sentimento se intensifique”, explica. As debatedoras concordam ao dizer que é preciso fortalecer as relações sociais de inclusão de maneira a naturalizar as diferenças e possibilitar que todas as pessoas se sintam pertencentes. Nesse contexto, a escola deve ser palco fundamental dessa transformação necessária.

Fechando a edição do cineclube, ambas as debatedoras ressaltaram a importância, também, de que

os profissionais da educação estejam preparados para lidar com as novas vivências adolescentes e os novos tipos de amor. “Por isso a sutileza e naturalidade do filme são importantes, porque ele é capaz de chegar a um público novo, que recém começa a aceitar que na vida em sociedade não pode haver apenas um padrão predominante nessa questão”, explica Vargas. No mesmo sentido, Gentil sublinha o papel da escola. “A gente precisa acolher o diferente, tentar tornar a vida escolar o mais amena possível e combater

as intolerâncias nesse sentido”, comenta a pedagoga.

O crítico cinematográfico e editor do site Cinema em Cena, Pablo Villaça, definiu muito corretamente esse filme em sua análise, publicada em abril de 2014. “A delicadeza do amor que retrata é um discurso mais do que suficiente para que qualquer um entenda a estupidez da intolerância sexual”, finaliza o texto. Isso reforça o propósito dos estudantes ao propor o debate, possibilitando que novos públicos tenham contato com essa discussão.

Os acadêmicos organizadores do evento, junto às debatedoras e ao coordenador do curso de Jornalismo da Urcamp, professor Glauber Pereira





EDIURCAMP

MISSÃO

Produzir e socializar o conhecimento para a formação de sujeitos socialmente responsáveis que contribuam para o desenvolvimento global.



TRADIÇÃO

ENSINO

INOVAÇÃO

//

**onde você
ESTIVER!!!**



www.urcamp.edu.br